Venti più Venti

Decida se sua vida pode ser traduzida como Ventos mais Ventos, ou somente a soma de numerais: 20 mais 20.

Prefácio

Ora história, ora crônica, ora sentimento...
Ora por aborrecimento, por hora aborrecido...
Ora como consequência, por hora ciência, ciente ou científico.
Ora descrente da crença subjugada, ora um coerente sem crença, ora realista, surrealista! Por hora fictício, a toda hora faccionando mundos, fatiando verdades...
A sensibilidade natural, sensivelmente conflitada, vivendo a fragilidade do dito real para os parâmetros do hoje. O real coercitivo, o real que rouba a solidez; a liquidez imediata por falta de tempo, por falta do tempo desconsiderado para o que é considerável hoje...
Viciante velocidade, viciante razão, o vício do raso, do razoavelmente desconhecido, dissolvido entre vogais e consoantes, ora inaudíveis pelo seu audiovisual, ora clarificadas por quem vê o que poucos veem, o que poucos sentem e respondem. Sou de carne, de ossos, mas não nego minha espiritualidade, a irmandade da vida entre vivos, entre afins, entre o riso e o sorriso meio sem vontade, meio sem coragem de dizer a verdade que será dita em breve, ou até breve, se nossos mundos se cruzarem pelas cruzadas do mundo.
A guerra de superfícies entre vivos-mortos, ora de maneira profunda, ora aprofundada pelo saber, ora afogada pela falta de sustentabilidade, pela falta de saber, o saber que é negado por alguns, desconsiderado por muitos, desconhecido pelo desejo de quem nada quer saber, de quem não quer, se quer, compreender o que por alguém compreendido foi, o que por alguém pode ser dito e repetido pra melhor, facilitando assim a negação da sapiência por conforto, contornando a sabedoria de ser, ao menos, humilde por ouvir...
A raiva que não é doença, que não é transmitida, mas que viraliza a distância entre os mundos daqueles que buscam saber algo e daqueles que jamais buscarão.

O texto acima descrito tem um pouco de tudo, tem um pouco da acidez que cozinha o alimento e tem um pouco da acidez que

corrói as possibilidades que, em geral, são resumidas em fila única. Tem um pouco da dualidade das intenções, um pouco da fragilidade das certezas de hoje, um pouco da ansiedade em nome da rapidez, a interpretação desatenta a qualquer texto, transitando pela incoerência, pelas consequências dos atos impensados, pela dificuldade de ouvir e a necessidade desenfreada de falar, competindo com a velocidade da próxima informação. Mas também tem insistência, persistência e a autenticidade da sensibilidade, da discordância legítima, que tem coragem de discordar e continuar assumindo o papel a qual se propõe. Tem um pouco de "Maber" e, acima de tudo, tem humanidade, a humanidade como ato falho! A fusão do ser humano que tem direito ao choro, ao erro, ao recomeço, ao desejo, ao arbítrio que propõe o sucesso de poder ser sucedido por si mesmo, se reinventando sempre que possível e necessário, sempre à beira da loucura de não ser exato, de não ser imune, de ser, de ser ser-humano que tem coragem de ser ser-humano, que ensina e aprende, que duvida, que realiza, que concilia, que vai adiante mesmo depois de algumas derrapadas, que aceita - ao menos quando quer -, que vive a experiência da divindade proposta por essa terra que dividimos e que nos torna coautores, que festeja a não permanência dos olhos fechados por acordar todos os dias...

Minha ligação com o autor deste livro de dualidades, de aventuras de pensamentos, parte do inesperado, parte da busca facilitada pelo encontro incomum, parte do acaso concebido em amizade, parte da arte a que me permiti escrever o texto que iniciou este prefácio.

Sinto-me feliz em participar deste livro e escrever algumas palavras sobre um amigo, por hora, em sua faceta de escritor. Um escritor que, assim como na vida, surfa também na criatividade, na versatilidade. A criatividade que aflora como propulsão para enfrentar a diferença cultural de um país, atuando como aqueles que lutam pela saga da melhora cultural desse país na difícil missão de facilitador da cultura, do ensino como fonte conhecida da evolução do indivíduo.

Assim é sua escrita, seu livro, sua vida! O autor que discorre o que flui, o que sente...um autor que sofre, que é intenso, que na solidão agrega, que na sua autenticidade, por vezes, afasta, mas que comunga o verdadeiro, herdeiro da sua memória, herdeiro do seu plantio, do seu dom, do dom de ser verdadeiro, assumindo seu eu, esperançoso e positivista em algumas ideias ou ideais, assumindo a desistência por outras, o dom da sensibilidade de quem tem no sangue a arte, a arte da música, da literatura, dos mosaicos.

O dom do professor - não o que profeta -, mas o que processa o dom do ensinar, diminuindo as fronteiras entre mundos.
Caro amigo autor, você não é desse país que te destrata, você é do mundo!

Só por isso e por isso tudo, convido você leitor a mergulhar nas histórias, nos contos, nas ficções, na poesia do autor "Helquemim Maber" que tenho o prazer de chamar de amigo.

Fabio Dervilani.

Agradecimentos

Quando penso em AGRADECER, em primeiro lugar penso na vida toda. E quando pensamos na vida toda, logo nos vem a figura de nossos pais. Os meus são uma espécie de contínuos lutadores, utópicos sonhadores da família perfeita e do bem estar, incomodados com as dores dos pobres, rezadores de primeira linha, cada um com sua característica diversa e sobretudo vitoriosos na criação que deram aos filhos. Não sei se somos vitoriosos por outro lado, mas sei que tentamos, intensamente.

AGRADEÇO do mais fundo de minha alma aos meus pais, por tudo, em tudo e com todas as minhas forças.
Também trago o carinho das minhas irmãs e irmãos que até por nossa diferença de idade acabaram por satisfazer tantas das minhas vontades.

Ao longo da vida conhecemos pessoas, e como este livro não vai parar em editoras, gostaria de AGRADECER aos leitores e leitoras, pois quem tem este livro nas mãos com certeza faz parte da minha vida, é um dos capítulos ou páginas... Muito obrigado.
Sem duas pessoas e uma pequena pessoa em crescimento que conheci este ano, este projeto teria me trazido um pouco de insônia extra no mês final. Tem gente que entra na vida da gente, ou melhor, ninguém entra em nossas vidas por acaso. Obrigado pela disponibilidade e amizade.

Helquemim Maber Pinto Pereira Juvenal

20

Os dedos todos de um corpo, os minutos poucos que antecedem situaçȭes que a tempos esperamos, 7300 dias sem contar os anos bissextos, um misto de acumulo de experiências que aparentemente para nada servem para a vida adulta que já está batendo à porta, pouquíssimas dores, a possibilidade de uma noite em claro e ir para a faculdade com cara de poucos amigos, sentimento de sou grande, dispensa de tantas coisas e tantas pessoas, primeiro diploma com alguma consistência, autonomia de ir e vir, decisȭes, mente fresca e problemas que só existem se os criamos, todo mundo é bem vindo e se passarem passaram.

20 parece fácil, da uma ilusão tremenda de que se é grande, mas ao mesmo tempo geralmente o que escutamos é: voltaria aos 20 com a maturidade que tenho hoje.
Alto lá! Nem tanto aos céus, nem tanto à terra! Aos meus 20 eu já guardava em mim histórias de superação tão grandes quanto a um sonho de valsas nas mãos de uma pequenina criança.

20

Escrevia e relia e relendo não gostava, amassava, rasgava, picotava, mastigava, triturava e nunca seriam “descritos” os verbetes "escritos" e então gostava”. 1997

Porquês

A ideia de escrever um livro me persegue a tanto tempo. Tanto quanto a frase: “Você deveria escrever um livro”. Tal frase aposto são fruto do assistir minhas histórias acompanhadas de minhas expressȭes faciais. Então a primeira dica para a leitura deste livro é: imaginem-me contando ou lendo estes escritos. Uma segunda dica com cara de explicação de teor é a seguinte: aqui estão reunidas crônicas, poemas, desabafos, textos que amo, odes às pessoas que já se foram, e uma vez lidos os remeterão à uma suposta realidade.

Não, nem sempre é exatamente assim. Dramatizar também é uma arte.
Vivo sempre neste duelo: sorrir até doerem as bochechas ou deixar uma lágrima escorrer.

Do nada

Se em meio ao mar e a música das ondas, a sabedoria já adquirida, as aves voando com o pensamento em um céu azul, um peixe que salta deixando seu habitat natural ainda que por alguns segundos, ele só quer deixar claro que a sua vocação é a de Ser Livre.

Vou sempre voar?!...

Eis o Mistério da Fé

Brinquei muito de missa! Enquanto meus amigos de escola se dedicavam aos seus ilusórios carros de bombeiro, eu pegava uma bolacha de água e sal, alguns pires, copos, lenços e repetia fórmulas ouvidas no primeiro banco da paróquia. Era 1980. João Paulo II estava em solo brasileiro, e a multidão o esperava em cada centímetro de rua, para saudá-lo, dizem que eu chorei diante da televisão e que repetia que queria ser papa. Depois disso tudo foi consequência. Fui coroinha dos 7 aos 16. Conhecendo cada minúcia de um ritual, cada resposta, cada "time"" e os segredos da paróquia. Depois veio o seminário. Um campo do desconhecido. Convivência. Ajustes e desajustes. A faculdade de Filosofia. A faculdade de Teologia. O Vaticano. A saída do seminário. E então a vida.

Não me tornei papa. O mistério da fé é a vida. E as formas como você a encara, seja no âmbito que for, na idade que for.
Mas sou papa dos meus atos! Vejo o Amor em tudo. Pratico um tipo de viver que luta consigo mesmo para não afetar os que me cercam.

Eis o Mistério da Fé

Réquiem in Pace. (Descanse em paz).

Gargalharia, antes do término de minha vida, um pouquinho antes da partida, revendo o todo, emaranhado de coisas vividas. Morreria sorrindo. Deixando um bilhete ao doutor legista, para que o sorriso, descrito fosse no todo, e à certidão de óbito, fosse anexada uma foto, do pálido sorriso. Prevenido, deixaria tudo preparado. O tecido mortuário, substituiria as flores, que não queria por cima de si, e no linho branco, já amarelado pelo tempo, estaria escrito um poema sem fim. Dois metros e cinqüenta de linho, com linhas escritas, em nanquim, relembrando locais, pessoas, atos, feitos, desfeitos. Um poema que se chamaria minha vida. Longo, longo poema. Deixaria nele revelações, quem não tem algumas, em letra pequena, só para que o caixão estivesse sempre rodeado. Caixão branco, por mim encomendado, forrado de metal, para que eu me consuma por mim mesmo, sem os vermes de outros seres antes enterrados. Criamos nossos próprios bichos. Eles já estão aqui em potência. Se houver uma mulher amada, que vá antes, mas que ela não chore. O recorde, os momentos de alegria, as palhaçadas, tombos e quedas, batidas de cabeça, sorriso amarelo, piadas fora de hora. Que ela se lembre do prazer, e das loucuras na cama, na cozinha, no chuveiro, no..., na...E sua dor se transforme em prazer e carinho, tão devagarinho, que ninguém entenderia o seu riso caladinho, no canto do salão.Se tiver filhos, lembrem-se do super herói, das vezes que quando pequenos, trotaram no cavalo de mentira, que sofria de dor nas costas. Lembrem- se do peso da mão, segurando as suas, e também dos olhares de reprovação, e do tapa, que nunca levaram. Lembrem-se das aulas de filosofia, dos textos, de novo da mão direita, pegando nas suas, e os ensinando a escrever. Recordem o nome de cada livro que ganharam na vida, cada um que pude ler. Tenham em vista o amor, que viram no seu lar, e de todas as falas, dizendo para que eles disso não venham a sofrer. Os meninos lembrem-se dos papos de homem, das aulas e das teorias do dar prazer. As meninas, do cheiro, das roupas, do carinho, para um homem bom um dia ter. Enfim, carreguem-no. Não se esqueçam